



Balta Lelija

## 5 de junho de 2026 Santa Joana d'Arc “A captura de Joana”

Após a coroação de Carlos VII em Reims, começaram as negociações entre o rei e os borgonheses. Como ouvimos na meditação de ontem, Joana havia escrito, no mesmo dia da coroação, uma carta ao duque da Borgonha, Filipe, o Bom, suplicando-lhe em nome de Deus: *«Que o rei da França e vós seleis uma paz boa e estável que dure por muito tempo. Perdoai-vos mutuamente de todo o coração, como cristãos»*.

Na realidade, Joana ansiava pela paz, embora ao mesmo tempo advertisse o duque para que não tentasse lutar contra o rei. Seu desejo era alcançar uma reconciliação cristã entre os governantes e, com isso, a união entre os franceses, depois de os borgonheses terem se aliado aos ingleses após a devastadora derrota na batalha de Azincourt (1415). Foi assim que surgiu a aliança anglo-borgonhesa.

Na carta dirigida ao duque da Borgonha, manifestou-se mais uma vez a autoridade que Deus havia concedido a Joana. Ela queria selar uma paz boa e sólida, alicerçada na fé comum. Ao mesmo tempo, estava consciente da potência do exército francês que, graças à sua intervenção, havia alcançado a superioridade na guerra. Essa teria sido a postura necessária nas negociações para que estas não desacelerassem a obra que Deus havia iniciado por meio da Donzela de Orléans. A vitória contra os ingleses e a posterior coroação de Carlos VII eram sinais que todos poderiam ter lido para tirar as conclusões corretas.

Mas, infelizmente, as coisas tomaram outro rumo. Nas negociações com os enviados da Borgonha, Joana foi deliberadamente excluída. Nesse momento ocorreu a ruptura decisiva. A orientação divina através de Joana d'Arc, em consonância com a coroa e a Igreja, já não pôde continuar da mesma maneira. Se quisermos falar de traição, deveríamos apontar que ela ocorreu aqui e se consolidou nas decisões posteriores. Em primeira instância, trata-se de uma traição à intervenção de Deus, que se compadeceu do destino da França enviando Joana d'Arc. Após a coroação do rei, a ordem da intervenção divina já não foi respeitada, uma vez que se excluiu a mensageira de Deus, que transmitia as instruções recebidas dos anjos e santos, e que haviam produzido a grande reviravolta na guerra a favor da França sempre que eram cumpridas. Talvez se acreditasse que, a partir daquele momento, seria mais conveniente recorrer à diplomacia habitual e subestimou-se a autoridade e o poder com os quais Deus havia dotado a Donzela de Orléans para o destino da França.

Na realidade, sua missão não havia terminado com a coroação do rei. Muitas cidades continuavam sob o domínio anglo-borgonhês, entre elas Paris. Era preciso continuar

aproveitando o momento oportuno que Deus havia concedido! E isso não seria possível sem a participação ativa de Joana d'Arc em todos os passos seguintes.

O rei e seus conselheiros começaram a pressionar para alcançar um acordo pacífico com o duque da Borgonha. No entanto, não souberam avaliá-lo corretamente, erro do qual se dariam conta muito mais tarde. Filipe, o Bom, não estava realmente interessado em uma solução pacífica e benéfica para todos, mas sim em manter e ampliar seu próprio poder. Além disso, não renunciou à sua aliança com os ingleses, que servia aos seus próprios interesses. Mais tarde, o rei inglês o promoveu a um alto cargo, inclusive como o segundo no comando da França.

Sem levar em conta o conselho de Joana e, portanto, a ajuda sobrenatural, Carlos VII aceitou as promessas dos borgonheses, que não eram sinceras e que resultaram em longas negociações que se arrastaram por meses.

Deixou-se passar o momento oportuno e o exército real ficou paralisado. Em razão das vitórias anteriores e, certamente, também pela coroação do rei, muitas cidades estavam dispostas a submeter-se voluntariamente ao seu cetro. No entanto, a política contraditória e indecisa do rei não soube aproveitar essa situação.

Embora algumas cidades tenham se submetido à coroa —para o que também foi decisiva a presença de Joana entre as tropas—, não se alcançou o grande objetivo de reconquistar a capital, Paris. Atacar Paris era o caminho lógico e o que o exército real desejava. Naquele momento, a cidade encontrava-se sob o domínio anglo-borgonhês e sua reconquista teria consolidado ainda mais o direito do rei sobre toda a nação. A capital inclusive esperava um ataque das tropas reais. No entanto, a hesitação do rei deu tempo para que ela se fortificasse ainda mais.

Finalmente, em 8 de setembro de 1429, as tropas reais lançaram um ataque contra Paris. Como sempre, Joana estava na linha de frente encorajando os soldados. Mas a defesa era ferrenha e a batalha se prolongou até o anoitecer. Joana foi ferida. Mesmo assim, queria continuar lutando e afirmou que ainda poderiam tomar Paris. Contra a sua vontade, o senhor de Goncourt e outros a levaram para o acampamento do exército, o que a deixou profundamente consternada. Ela esperava poder continuar com o ataque no dia seguinte, mas o rei não permitiu. Por causa disso, a derrota de Paris foi atribuída a Joana e seus inimigos acreditaram que finalmente o «*encanto*» da donzela havia se quebrado.

Pouco depois deste acontecimento, o rei decidiu dissolver o exército que tantas vitórias havia obtido. Cagny escreve que «*com isso ele quebrou a vontade dela e a do exército reais*».

Não é necessário mencionar as pequenas batalhas que foram confiadas a Joana a partir de

então, fossem vitoriosas ou fracassadas. Através de suas vozes, ela sabia que seria capturada. O tempo de suas grandes vitórias militares, com as quais havia servido à sua pátria, tinha chegado ao fim. Agora, pedia-se que ela completasse sua missão de outra maneira.

Em 23 de maio de 1430, Joana d'Arc foi capturada perto de Compiègne por João de Luxemburgo e caiu assim nas mãos de seus inimigos.